

BOLETIM INFORMATIVO DO  
CLUBE PORTUGUÊS DE  
CINEMATOGRAFIA

--//--

ANO I-MARÇO/ABRIL-Nº.3

DIRECTOR: GUILHERME RAMOS PEREIRA

REDACÇÃO: RUA DE STA. CATARINA, Nº. 1252-PORTO-PORTUGAL

- P R E Â M B U L O -

Há precisamente um ano que meia dúzia de carolas fundaram o Clube Português de Cinematografia, para a defesa e divulgação do que há de útil e belo na Arte das Imagens. Verdade se diga que essa meia dúzia de rapazes não esperavam tão cedo poder fazer do C.P.C. aquilo que ele hoje representa: uma força ao serviço da Cinematografia portuguesa, dos Amigos do Cinema, da 7ª Arte mundial.

Em 365 dias pouco fizemos: editamos dois números do nosso Boletim informativo, e demos uma sessão com filmes dos amadores de Lisboa, e a grandiosa obra do cinema alemão -"Fausto"... mas, com esse quase-nada, conseguimos impôr a nossa personalidade, e marcar uma posição.

Agora, no limiar do nosso 2º ano de vida, não esmoreceremos na luta, pois sabemos que todos os Amantes da 7ª Arte, compreendendo as dificuldades que teremos ainda que vencer, nos darão espontaneamente o seu grandioso auxílio,..

...e então, todos juntos, irmanados na mesma fé e no mesmo Ideal, teremos que vencer!

HIPÓLITO DUARTE

# A nossa sessão

por GUILHERME RAMOS PEREIRA

As sessões cinematográficas, dentro da órbita cultural, fazem parte integrante da vida dos cine-clubes. Elas, representam uma das complexas realizações a que se obrigam os agrupamentos de cinema. E como não podia deixar de ser, o Clube Português de Cinematografia vem dispensando particular atenção às mesmas, estando a ultimar cuidadosamente o seu plano de trabalhos naquele magno campo de acção.

Assim, o dia 23 de Março marcou já o início duma série de sessões culturais de cinema a que se propõe realizar no ano em curso.

Manuel de Azevedo, crítico cinematográfico, prestou a sua valiosa colaboração à nossa primeira projecção fílmica, dizendo, em clara síntese, uma série de considerações inerentes à Sétima-Arte e ao papel dos cine-clubes, por cuja existência se manifestou defensor entusiasta.

Após o fluente improvisado de Manuel de Azevedo, muito apreciado, seguiu-se a projecção de filmes do formato 9,5 m/m, acompanhada da audição de discos a carácter.

Os primeiros metros a serem desbobinados foram dois documentários de Mateus Júnior "Viagem a Marrocos" e "Pesca do Sável"; seguiu-se - precedida de bem justificada expectativa - a primeira película de desenhos animados confeccionada em Portugal, "Automania", de Álvaro Antunes e Servais Tiago; e por último, "Fausto", filme de fundo, realização do grande director alemão F.W.Murnau, com interpretação de Emmil Jannings.

O fim da primeira sessão cinematográfica do

Cont. pág. 9



# Apontamentos de

# ESTÉTICA

= 3 -

Por Fernando G. Lavrador

Eu desejava fazer uns "Apontamentos de Estética" para todos, verdadeiros artigos de divulgação. Mas a falta de espaço impera e a síntese dificulta sempre a compreensão dos assuntos tratados. Aconselho, portanto, os leitores a pensarem sobre as noções aqui dadas, no desejo de melhor as compreenderem.

Dito isto, entremos no assunto do presente artigo.

Harmonia é a clara ordenação e combinação das variações das diversas intensidades dos elementos agrupados e sempre considerados em relação uns aos outros. Na Estética é um verdadeiro estudo de relações congruenciais entre elementos no conjunto. Aqui não interessa o próprio elemento, isolado dos outros - o elemento só por si - mas sim todos os elementos na sua fusão espacial, apreciados no conjunto, nas suas relações mútuas - relações de proporção e equilíbrio, de analogia e de contraste; relações que influenciam o ritmo da obra de Arte e o estilo do Artista.

Será isto apenas um jogo de palavras? Evidentemente que não

Trata-se de noções fundamentais que nos guiam na crítica da obra de Arte, no estudo da sua essência formal e das relações desta com a sua essência filosófica, intelectual e social, no próprio acto de criação artística e no período posterior de auto-crítica.

Os elementos orquestrais estão intimamente ligados e na realidade nunca podemos separar absolutamente o ritmo da harmonia ou da melodia.

Aqui tratamos de fazer uma abstracção necessária para compreendermos este assunto.

As relações congruenciais entre os elementos- dimensões e cores nas artes plásticas; relações sonoras entre sons sobrepostos, condensados no espaço, na música; relações entre elementos activos e expressivos, no romance, entre as palavras - sons, na poesia, entre elementos activos, expressivos, dinâmicos, plásticos, sonoros, etc., no cinema, salientando nós também que elementos

Cont. pág. 10

# DIVAGANDO

por TONY MENDES

É por vezes curioso notar-se a influência que exerce o cinema sobre a pessoa humana. Porém, para ver cinema torna-se necessário certo equilíbrio e imparcialidade perante a Arte das Imagens.

As nossas palavras são propositadamente para aqueles que além de o considerarem uma evasiva, penetra-se-lhes no espírito como uma qualidade a si próprios adequada e perfeita - enfim, a solução salvadora para o seu caso material ou espiritual.

Grasso erro daqueles que assim pensam. O cinema, entendemos que seja, antes de tudo, uma Arte; depois, um veio de expansão sempre original e renovador "com a actualidade e o mais pitoresco do mundo ante os nossos olhos", finalmente, a "personalidade de cada país que o produziu".

Porque o cinema americano (aquele que aliás mais apreciamos) conseguiu os melhores artistas e técnicos do mundo, não quer dizer que seja o único e até por vezes o melhor.

Filmes que a França, a Itália, a Alemanha, a Inglaterra e outros países apresentaram, foram e serão também primores de Arte (evidentemente à sua maneira, com característica própria, o que dá mais lucro espectacular).

Quando um dia a cinematografia portuguesa estiver num nível de produção fílmica equiparado a quaisquer das nações acima citadas, tendo a servi-la uma experiência técnica e rumo adequado, poderá analisar-se aquém ou além fronteiras que o pitoresco, o típico e o comum dos nossos costumes também hão-de cativar todos os públicos, em qualquer parte do mundo.

Cont. pág. 9

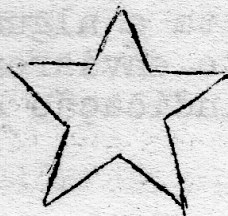


# SÓCIOS FUNDADORES =5=

Publicamos abaixo os nomes dos nossos primeiros associados, aqueles que conseguiram tornar possível, graças à perseverança e à continuidade do seu esforço, a fundação do nosso Cine-Clube. São eles:

- 1 - Hipólito Duarte - Porto
- 2 - Amâncio de Carvalho - Vila Seca de Armamar
- 3 - José dos Santos Sil - Porto
- 4 - Joaquim M. Ferreira - Lamego
- 5 - Fernando S. V. Condesso - Porto
- 6 - Rufino Dias Lopes - Porto
- 7 - Diogo Conceição Ferreira - Porto
- 8 - Paquita Ocaña Alonso - Madrid (Espanha)
- 9 - Luiz Baía Ribeiro - Porto
- 10- José Barrosa - Espinho
- 11- Edmundo Barbosa - Coimbra
- 12- Fuas Roupinho da S. Gonçalves - Montemor-o-Novo
- 13- Capitolina Campos - Porto
- 14- Hugo Paz dos Reis - Porto
- 15- Manuel Graça - Vila Nova de Gaia
- 16- Eurique Amaya Garcia - Sevilha (Espanha)
- 17- António da S. D. Mendes - Lisboa
- 18- António Avides Sarmiento - Porto
- 19- João David Pereira - Porto
- 20- Francisco Paupério - Porto
- 21- Ricardino Batista - Porto
- 22- J. S. Pereira Pimenta - Negrelos
- 23- Fernando G. Lavrador - Porto
- 24- Armando Cardoso Fernandes - Lamego
- 25- António Mesquita - Rio Tinto

( Continúa )



# Intercâmbio Internacional de PUBLICAÇÕES por JOÃO DAVID

Esta é mais uma das realizações a que o C.P.C. se propõe pôr de pé.

A fim de tornar possível a todos os nossos associados a consulta das mais diversas revistas que em todo o mundo se publicam, dia-a-dia e cuja aquisição, ou pelo excessivo preço ou pela sua ausência no mercado português, se torna demasiado pesada para aqueles que desejariam estar em contacto com elas, o nosso cine-clube, por intermédio deste I.I.P., julga ter já descoberto a maneira de solucionar tal problema. Assim, aqueles que estejam interessados neste intercâmbio, pedimos o favor de se porém em contacto connosco, pois que estaremos dispostos a atender todos os seus pedidos, dentro das nossas possibilidades.

Enderecem as vossas cartas a Clube Português de Cinematografia I.I.P. - R. Sta. Catarina, 1252 - - Porto, enviando as revistas de que possam dispor com a indicação daquelas que desejarem receber em troca, de valor equivalente, para o que transcrevemos uma tabela do valor actual da moeda internacional, entre nós:

|            |       |        |    |              |      |       |
|------------|-------|--------|----|--------------|------|-------|
| 1 peseta   | ....  | 2\$00  | -- | 1 lira       | .... | \$50  |
| 1 cruzeiro | ..    | 1\$40  | -- | 1 dinheiro   | .    | \$70  |
| 1 dolar    | ..... | 25\$00 | -- | 1 franco fr. |      | \$50  |
| 1 peso     | ..... | 5\$00  | -- | 1 " suis.    |      | 5\$00 |

Nota: - Não aceitamos publicações anteriores a 1940 (excepção feita a algumas que depois indicaremos) pois somente enviaremos revistas posteriores a 1944, salvo indicação do interessado.

JOÃO DAVID



# CURTA METRAGEM

=7=

A Biblioteca do C.P.C. foi agora enriquecida com o livro "El gui3n cinematogr3fico" de Eurique G3mez, oferta do associado Eurique Amaya Garcia, de Sevilha (Espanha), gentileza que muito agradecemos.

\*.\*

O Grupo dos Estudantes de Belas Artes do Porto est3 de parab3ns pela magn3fica sess3o de cultura cinematogr3fica que levou a efeito no dia 27 de Fevereiro, com uma produ3o em 9,5 m/m da grandiosa obra de cinema Alem3o "Variedades", apresentada pelo jornalista Manuel de Azevedo.

Aproveitamos a ocasi3o para agradecer ao nosso associado Jos3 Maria Soares Borrego, um dos organizadores, pelas refer3ncias ao C.P.C. feitas na abertura da sess3o.

\*.\*

Tamb3m apresentamos os nossos agradecimentos a "7ª Arte", "Cartaz", "Cinema de Amadores", "Jornal de Noticias", "O Primeiro de Janeiro", "O Com3rcio do Porto", "Os Rid3culos", "Noticias de Coimbra", "Sol", Emissora Nacional e Emissor Regional do Norte, pelas am3veis palavras que nos t3m dispensado. A todos, muito obrigado.

\*.\*

A direc3o do "Projector" faz publicar com enorme satisfa3o o original que lhe acaba de ser presente - convidando, desde j3, os seus leitores em geral a porem "3 prova de fogo" os seus conhecimentos cinematogr3ficos...

Eis o original:

O CLUBE PORTUGU3S DE CINEMATOGRAFIA informa:

Cont. na p3g. 11

# Ao bom caminho!...

por FERNANDO NEVES

Na ância de, com a colaboração dos cinco sentidos me agrupar ao núcleo dum Clube de Cinema de Amadores, do qual, alguns dos melhores elementos se irmanavam em determinadas aspectos da textura fílmica como Arte independente e bradavam aos sete ventos, acarinhando determinados pareceres, crendo assim, existir sem dúvida, aquilo que a Cinematografia Portuguesa mais necessita...

Gente nova, bem escolhida e bem preparada!...

Tomei o devido e indispensável contacto, cuja impressão submeti a estudo, verificando com pesar, tendo em mente o meu convívio num núcleo de incontestável compreensão mútua, dadas as provas escritas que anteriormente tinha analisado com agradável prazer, o seguinte:

Pura fantasia, envolvida em vaidades pessoais afectando o ambiente, realizações anunciadas, não possuindo o mais leve toque de veracidade e conhecimentos sobre tal assunto, ideias proveitosas àsperamente recusadas, debatidas pela falta de preparação duns e pela preguiça doutros...

Longe de mim, atacar A ou B, criticando esta ou aquela falta. Mas no entanto, permitindo-me, sem rodeios, futuras inimizades, ou cinismos a prever, tanto esclarecer um pequeno pormenor de real valor antes que seja tarde...

À indispensável união prática e intelectual.

A boa orientação cuidada por quem de direito...

Enfim!...

AO BOM CAMINHO!...

FERNANDO NEVES



Continuado da 2ª pág.

C.P.C., realizada em exclusivo para o nosso cine-clubbe no amplo salão de festas do grupo recreativo "Os Modestos", chegou cerca da meia noite, e com aprazimento registamos o facto de ter agradado a todos. Esta, cremos sem sombra de dúvida, é a melhor compensação para os rapazes do C.P.C. que mais contribuíram para a efectivação da sessão: os camaradas Hipólito Duarte, João David, A. Romariz, Salvador, Manuel Ferraz, etc. e para a casa PATHE BABY, que colaborou connosco.

A continuidade destas reuniões de divulgação cinematográfica será um facto, estamos certos. Manuel de Azevedo, ao dizer que elas marcam o princípio duma etapa de grande alcance para o cinema português, cria-nos responsabilidades que muito nos lisongejam e às quais não fugiremos!

GUILHERME RAMOS PEREIRA



Continuado da 4ª pág.

Para tanto se nos afigura indispensável mais amor ao cinema e às nossas coisas, a par dum bairrismo bem coordenado, apreciando e aprendendo com os outros a elevar-nos a nós próprios.

O campo de luta abre-se a nossos olhos - e há que vencer! A missão cabe a toda a gente, novos ou velhos; ricos ou pobres, desde que tenham talento e apresentem processos honestos e originais para o desenvolvimento da cinematografia Nacional

TONY MENDES

Continuado da pág. 3

dinâmicos se encontram em toda a Arte com predomínio da Arte Contemporânea neste campo, visto que neles reside a própria essência do ritmo, da articulação estrutural - são o primeiro passo para a criação dos ritmos e, conseqüentemente, das escolas e dos estilos - escolas colectivas e estilos individuais.

Todo este trabalho de comparação dos elementos, de dosagem dos valores orquestrais e estéticos, dos valores formais, trabalho que nós podemos designar com propriedade por orquestração, faz-se na mente do Artista, consciente ou inconscientemente.

A beleza da obra de Arte, residindo nos ritmos, impõe, como primeiro passo para a sua conquista, as noções harmônicas da estética - cada noção harmônica intrínsecamente ligada a uma Arte.

É evidente que os elementos orquestrais mantêm entre si ligações íntimas e se sobrepõem até no espaço. Um arrasta outro. O elemento x arrasta o elemento y, este é a consequência daquele. z, por sua vez, coexiste com x e y. Um exemplo tirado do cinema: os elementos plásticos, quase sempre acompanhados por elementos sonoros, podem ter - e a maior parte das vezes têm - por consequência determinados elementos expressivos, originando estes, por sua vez, elementos activos.

O Artista, aqui o Realizador, tem o poder de conseguir os efeitos desejados com uma hábil orquestração, um sentido harmônico que ele vai buscar à sua sensibilidade artística.

Os elementos sobrepõem-se, mantêm entre si relações íntimas, de conteúdo e de forma, relações puramente congruências e relações intelectuais, tendendo todas para um fim, para o próprio fim da Arte - o efeito emotivo sobre os outros homens, acompanhado quase sempre por efeitos intelectuais, filosóficos e sociais, estes derivados daqueles.

Tal é a maneira de comunicar com os semelhantes, em

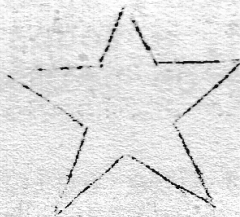
Cont. na pág. 11



Continuado da pág. 10

Arte e exprimir, corporizar, objectivar, para eles, aquilo que é subjectivo e imaterial - as ideias e os sentimentos, a sensibilidade e os ideais de beleza do Artista - Criador. Mas este assunto será tratado mais tarde acompanhado das relações do Artista com o meio - ambiente e da posição daquele perante os problemas angustiantes da hora presente - tudo isto quando for dada a noção de Arte útil. Contudo, já podemos compreender melhor a afirmação, talvez um pouco hiperbólica, de Schelling: "A beleza é o iminito apresentado como finito".

F.GONÇALVES LAVRADOR



Continuado da pág. 7

Abre-se concurso para a planificação de um pequeno filme de publicidade ao C.P.C., do formato 35 m/m. com um máximo de 15 metros. Prazo estipulado para a entrega das planificações: até 30 de Julho p.f.

Em síntese, leitores amigos: vão preparando a imaginação, o papel e o lápis. Quanto ao resto -  
- good-luck!!!



## Quer aprender?

Têm-nos sido dirigidas cartas de diversos pontos do país, todas elas reveladoras do interesse que os assuntos ligados ao cinema merece à juventude de Portugal. Este facto, é para nós motivo de natural regosijo, porquanto, tal manifestação de interesse e estudo, irá repercutir-se no futuro da cinematografia Nacional de forma efficientíssima, certamente.

Todas essas cartas traduzem uma sede insaciável de conhecimentos, os quais, aliás, só na leitura atenta poderão ser encontrados. Recomendamos, pois, aos nossos leitores a aquisição de livros da especialidade, apontando, para exemplo, a "Sétima Arte", a todos os títulos aconselhável a quem ensaie os primeiros passos no campo cinematográfico.

Não obstante o que acima dizemos, tomamos hoje a iniciativa de publicar uma série de noções primárias sobre a técnica da indústria filmica. Atendendo ao pouco espaço de que dispomos, limitamo-nos hoje a expor os 6 termos técnicos cujo conhecimento é indispensável a quem pretenda embrenhar-se na laboração cinematográfica: - "Formenor", "Grande Plano", "Meio Plano" (ou "Plano Americano Reduzido"), "Plano Americano", "Primeiro Plano", "Plano Italiano", "Conjunto" e "Plano Geral".

No próximo número trataremos de definir essa terminologia.

Guilherme Ramos Pereira